

LAZER, ARTE E COMPETIÇÃO: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA SOBRE UM MODO DE VIVER AS DANÇAS TRADICIONAIS GAÚCHAS

Recebido em: 30/10/2018

Aceito em: 21/06/2019

*Diego Nunes Moresco*¹

*Marco Paulo Stigger*²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Porto Alegre – RS – Brasil

RESUMO: Este trabalho é fruto de uma etnografia produzida no universo do tradicionalismo gaúcho, em um grupo de danças tradicionais. No estudo, esta prática é encontrada a partir de competições artísticas, sendo que participar destes grupos parece produzir uma série de sentidos e significados que extrapolam as definições de um lazer fruído e desinteressado. Ao longo do estudo verificou-se um caráter sério e produtivista na maneira como os integrantes do grupo de danças vivenciavam sua atividade. Esta seriedade parece romper com uma prática puramente artística, produzindo um fazer artístico específico, pautando-se pelo desempenho competitivo, a possibilidade de superação de limites e do desenvolvimento de uma espécie de carreira no lazer.

PALAVRAS CHAVE: Dança Gaúcha. Atividades de Lazer. Tradicionalismo. Competição.

LEISURE, ART AND COMPETITION: AN ETHNOGRAPHIC ANALYSIS OF A WAY OF LIVING THE GAUCHO TRADITIONAL DANCES

ABSTRACT: This work is the result of an ethnography produced in the universe of traditional Gaucho, in a group of traditional dances. In the study, this practice is found from artistic competitions, and participating in these groups seems to produce a series of meanings and meanings that go beyond the definitions of a leisurely and disinterested leisure. Throughout the research there was a serious and productivity character in the way the members of the group of dances lived their activity. This seriousness seems to break with a purely artistic practice, producing a specific artistic work, based on competitive performance, the possibility of overcoming limits and the development of a kind of career in leisure.

¹ Mestre em Ciências do Movimento Humano do PPGCMH da ESEFID/UFRGS. Pesquisador junto ao Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF-UFRGS). Licenciado em Educação Física pela UFRGS.

² Docente da Escola de Educação Física Fisioterapia e Dança (ESEFID) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (UFRGS), RS, Brasil.

KEYWORDS: Gaucho Dance. Leisure Activities. Traditionalism. Competition.

Introdução

O tradicionalismo gaúcho é um movimento cívico-cultural popular do sul do Brasil, mais especificamente do estado do Rio Grande do Sul. Para Brum (2013) os valores regionalistas afirmados por esse fenômeno têm agregado grande parcela de jovens, adquirindo visibilidade frente à mídia, ampliando sua atuação, muitas vezes com vistas a uma universalização da cultura gaúcha, como um fenômeno popular midiático que rompe fronteiras estaduais e nacionais.

O folclorista Antônio Augusto Fagundes, em entrevista ao antropólogo Ruben George Oliven (2006), se refere à participação direta de dois milhões de pessoas no tradicionalismo gaúcho e o site do Movimento Tradicionalista Gaúcho [MTG] (2018a) menciona a existência de 1700 entidades tradicionalistas filiadas à entidade. Para Oliven (2006), a “cultura gaúcha” se expande a partir do final da década de 1980 e do início da década de 1990, através da proliferação de Centros de Tradições Gaúchas [CTG] não somente no Rio Grande do Sul, mas inclusive em outros estados brasileiros e até em outros países. Também há, de acordo com ele, o surgimento e crescimento de um “mercado de bens simbólicos e materiais”, relacionado a produtos, eventos e serviços de caráter regionalista, como festivais de músicas, rodeios, programas de rádio e televisão, publicações de livros, etc. Neste sentido, nos permitimos afirmar que o “gauchismo” (em suas mais variadas expressões) movimenta milhares de pessoas em suas datas comemorativas e inúmeras atividades culturais.

Uma destas manifestações culturais mais destacadas são as danças tradicionais gaúchas. Pesquisadas e estruturadas pelos folcloristas Paixão Côrtes e Barbosa Lessa na década de 50 do século 20, estas danças foram encontradas em antigas e pequenas

comunidades agrárias do Rio Grande do Sul. Segundo Becker (2014), em 1955, Paixão Côrtes e Barbosa Lessa lançaram o “Manual de Danças Gaúchas”, que também é chamado de “livro azul”, em alusão a cor de sua capa. Ainda em Becker (2014), é afirmado que os folcloristas, para escrever o “Manual”, percorreram o interior do Rio Grande do Sul “coletando e registrando as melodias, letras e coreografias de danças antigas”. Se nesses locais elas eram apresentadas em batizados, festas de casamento e outras atividades sociais, nos tempos atuais, a partir do surgimento dos CTG’s, elas percorreram uma trajetória histórica, onde foram “ressignificadas” para apresentações competitivas em rodeios e festivais.

Em sua trajetória competitiva, as danças tradicionais gaúchas parecem estar intimamente ligadas à intensa institucionalização criada pelo MTG. Nesse sentido, Savariz (2018) defende que críticas internas à legislação tradicionalista não podem ser aplicadas a uma entidade que escolheu o seu campo de atuação e definiu ao longo de inúmeros encontros e debates um “regramento exaustivo e complexo”. Esta opção institucional – pelo formato de concursos - criou há mais de 30 anos o Encontro de Arte e Tradição Gaúcha [ENART], ponto alto das competições de danças gaúchas, reconhecido pela Unesco -segundo os próprios tradicionalistas - como “o maior festival de arte amadora da América Latina”, bem como maior evento tradicionalista gaúcho realizado anualmente.

Criado em 1986, o ENART tem por finalidade “a preservação, valorização e divulgação das artes, da tradição e da cultura popular do Rio Grande do Sul”. (VALLEJOS, 2013) É um concurso no qual os grupos de danças adultos dos CTG’s das 30 regiões³ do estado disputam o primeiro lugar em danças tradicionais. Para chegar até

³ Na organização administrativa do MTG, o Rio Grande do Sul é dividido em 30 regiões tradicionalistas.

a final, em Santa Cruz do Sul - RS, os dançarinos, músicos, instrutores e coreógrafos, passam pelas três eliminatórias até chegarem à fase final.

No regulamento artístico do Movimento Tradicionalista Gaúcho (2018b), a categoria adulta é definida para integrantes a partir dos 18 anos de idade, porém, especialmente para o ENART, o concurso é de categoria única para tradicionalistas maiores de 15 anos de idade. O grupo estudado na pesquisa apresentava integrantes entre os 18 anos e os 30 anos e em sua totalidade não recebiam quaisquer vantagens financeiras para dançarem. O fato dos eventos competitivos serem realizados em finais de semana e dos ensaios e preparações serem realizados em horários “alternativos” ao tradicional horário comercial e escolar, parece indicar que esta atividade ocupa uma dimensão social de lazer na vida destes praticantes. Em Brum (2013), o autor parece assumir, assim como a obra de Marcellino (2002), um conceito de lazer como uma atividade desinteressada e livre de obrigações. Ele tenciona que, apesar do seu caráter de lazer, como competição, o ENART para os participantes envolve muito “trabalho” e dedicação, constituindo-se em um dos espaços no universo tradicionalista para se superar os próprios limites individuais e coletivos em diferentes modalidades – a principal é o concurso de danças tradicionais.

Para nós, esta oposição entre lazer e trabalho/seriedade/dedicação não parecem dar conta da prática analisada. Este caráter competitivo, juntamente com o ambiente de superação e de performance observado nos grupos que participam do ENART, parece produzir sentidos e significados, compartilhados coletivamente, para além das definições “clássicas” produzidas por estudos do, e no, lazer. Assim, nesse estudo, assumiremos posições onde o caráter sério e performático esteja entrelaçado ao ambiente de lazer. Neves e Doll (2012), ao analisarem o livro “Serious Leisure” de

Robert A. Stebbins, publicado em 2008, afirmaram que o conceito de “lazer sério” proposto no livro era instigante em relação aos conceitos clássicos e dominantes antes utilizados e que se referiam ao lazer como "um tempo de fruição", sendo que estes se distanciavam da seriedade e do comprometimento expressos pelos participantes da pesquisa. Em Stebbins (2014), o autor afirma que “o trabalho e o lazer, ao contrário do conhecimento convencional, não são nem totalmente separados, nem esferas mutuamente antagônicas da vida moderna”.

Trataremos disso neste texto, em especial das produções culturais no universo das danças tradicionais gaúchas e em sua maior competição, o Encontro de Arte e Tradição Gaúcha [ENART]. Propomo-nos a fazer isso porque, ainda que numa trajetória competitiva, as danças tradicionais gaúchas ocupam uma dimensão da vida social situada em um espaço/tempo do lazer, onde a seriedade, os investimentos e as restrições, para além do próprio fazer artístico, também fazem parte.

Nosso estranhamento está situado nessa relação entre competição, arte e lazer. Refletir sobre esses assuntos significa colocar em questão a afirmação de que o lazer é um conjunto de práticas que as pessoas se entregam depois de livrarem-se das obrigações, e também o entendimento de um lazer localizado como uma cultura de caráter desinteressado, tal como aparece na obra de Nelson Marcellino (2002) e Joffre Dumazedier (2008)

Tais estranhamentos e problematizações já aparecem na obra de Marco Paulo Stigger (1997), quando se questiona sobre o fato da seriedade produzir um caráter produtivista, intimamente ligado ao desempenho que tal prática parece impor. Estudando o futebol de veteranos em um parque de Porto Alegre, o autor percebeu como os resultados e a produtividade em campo eram características condicionantes à

aceitação no grupo e na sociabilidade. Em outra linha, há o trabalho de Ariane Pacheco (2012), ao investigar um time feminino de vôlei *máster*. A autora descreve como as jogadoras faziam mão de certa mediação do lugar/tempo do lazer no cotidiano, onde o grupo encarava a prática como uma negociação para obter o tempo livre, nem sempre disponível ou fora das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Tratamos disso porque não é difícil notar, nos grupos que participam do ENART e no grupo estudado, a relevância das noções de superação e de performance. A competição é, sem dúvida, um aspecto relevante, orientando práticas de lazer, estas imbricadas com expectativas artísticas. Assim, faz-se necessário um olhar mais de perto e de dentro nesse universo cultural dos grupos de dança tradicional gaúcha no contexto do ENART e do Movimento Tradicionalista Gaúcho [MTG], procurando compreender o lazer nessa relação entre competição e arte, repleto de compromissos e de interesses que não se esgotam na vivência.

Metodologia

Este trabalho é parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado, decorrente de uma investigação etnográfica em um grupo de danças adulto de um Centro de Tradições Gaúchas [CTG] da região do Vale dos Sinos - RS, praticante de danças tradicionais gaúchas e competidor do ENART, no período de agosto de 2017 a junho de 2018. Essa opção metodológica foi apropriada para um estudo que busca a compreensão de um fenômeno específico, uma prática realizada no lazer, pautada pela arte e pela competição.

A etnografia foi desenvolvida na relação com a obra de Clifford Geertz (1989), buscando compreender os significados e os códigos estabelecidos pelas diferentes

sociedades. Na perspectiva etnográfica, para esse autor, há a necessidade estabelecer o que chamou de uma “descrição densa”. Consiste em um processo descritivo dos significados, isso a partir de um envolvimento por parte do pesquisador no universo social investigado. Para tanto, sendo um dos autores dançarino por mais de 20 anos, houve a necessidade de um estranhamento de um universo familiar, mas que facilitou a entrada e a permanência no campo.

Este método, utilizado há mais de 100 anos, é tão tradicional entre os antropólogos, que no senso comum parece confundir-se com o próprio fazer antropológico. Desde Malinowski, em seu estudo clássico realizado no Pacífico Ocidental entre 1914 e 1918, a observação participante caracteriza-se como importante ferramenta na compreensão de diferentes grupos sociais. Para Geertz (1989), através dela, busca-se compreender os significados e os códigos estabelecidos pelas diferentes sociedades. Para ele, estabelecer relações, sistematizar informações, escrever um “Diário de Campo” e realizar entrevistas não explicam toda a capacidade epistemológica da etnografia.

Apesar de um dos autores apresentar uma história de vida ligada as danças tradicionais gaúchas, em Velho e Castro são encontradas uma compreensão de que isto não seria/deveria ser um impeditivo metodológico:

Por outro lado, o fato de ser membro de uma determinada sociedade e participante em uma cultura específica pode permitir um tipo de percepção e sensibilidade, a partir de uma vivência, difíceis de serem atingidas por um observador de fora. Portanto, a possibilidade do antropólogo procurar decodificar a própria cultura em que está inserido, por mais que envolva riscos e dificuldades, parece ser uma etapa inevitável do desenvolvimento da pesquisa antropológica... (VELHO; CASTRO, 1978, p.11).

Assim, identificamos que existe uma configuração familiar no universo das práticas corporais regionalistas, porém, esta aproximação não impede a ocorrência de estranhamentos a partir da entrada em campo.

O CTG onde foi realizada a pesquisa situa-se em uma cidade do Vale do Sinos-RS. Seu grupo de danças adulto estava estagnado há muito tempo, alcançando apenas resultados médios, não figurando entre os 10 primeiros do ENART. A partir das negociações para entrada em campo, foram observados praticamente todos os ensaios do período descrito e, principalmente, no segundo semestre do ano passado, onde eram realizados com uma frequência de cinco vezes por semana, sempre após as 11:30 da noite ou no domingo durante o dia todo. Foram produzidos “Diários de Campo” e “Entrevistas semiestruturadas” dos principais interlocutores (dançarinos, músicos, instrutores e dirigentes). Também foram produzidos diários a partir das eliminatórias do ENART e de alguns rodeios, buscando dar voz a outros participantes que circulavam neste universo, extrapolando o ambiente interno do grupo e trazendo outras vozes para a pesquisa.

Discussão

A partir das negociações para entrada em campo, foram observados praticamente todos os ensaios do período, principalmente no segundo semestre de 2017, quando eram realizados com uma frequência de cinco vezes por semana, sempre após as 23:30 ou no domingo durante o dia todo. O fato dos eventos competitivos serem realizados em finais de semana e de os ensaios e preparações serem realizados em horários “alternativos” ao tradicional horário comercial e escolar, parece indicar que esta atividade ocupa uma dimensão social importante na vida destes praticantes. Exatamente nesse sentido é que

em todos os encontros e também nos eventos artísticos que foram acompanhados, uma frase sempre ganhava destaque entre os dançarinos, quando esses eram convidados para participarem de outras atividades: - “Bah⁴... não posso, tenho ensaio”.

Mesmo aparecendo em momentos e lugares distintos, essa frase parece carregar um sentido de renúncia às demais fruições cotidianas, como festas e convívio familiar ou até mesmo as atividades profissionais, sustentando esta atividade de lazer como em oposição às demais obrigações. Não à toa, ela estampa diversas camisetas que encontrei nos eventos sendo utilizadas pelos dançarinos. Porém, se por um lado o praticante tem de se livrar de algumas obrigações para dançar, por outro lado, a seriedade da atividade parece carregar outro conjunto de compromissos, interdições e obrigadoriedades próprios da prática e do fazer artístico, conforme trecho abaixo:

PESQUISADOR: Cara como é vir lá da Restinga, andar 80 km para vir em um ensaio? E por que tu faz isso?

MIGUEL: Meu, a gente faz tudo isso para poder dançar o ENART. Eu dancei em diversos CTG's, mas poder tá aqui no CTG M..., poder dançar o ENART de maneira competitiva não tem preço. Nos finais de semana eu fico por aqui na casa da gurizada, mas em dias de semana chego em casa por volta das 5 horas da manhã e as 7 já vou pro trabalho. Aqueles 20 minutos [de apresentação] são incríveis, é aquele momento que fizemos valer a pena. A gente vem, por mais cansado que esteja, pilhado para ensaiar, pois além de não ajudar o grupo, provavelmente eu perca meu lugar caso não apareça. ...tu viu lá, tem uns quantos na reserva. Aqui, faltou... perdeu dança (Miguel, 07/11/2017).

Neste trecho, há uma clara aproximação com o debate que propus inicialmente entre Dumazedier (2008) e Marcelino (2002), no sentido de que os ensaios ocorrem em um tempo disponível, porém as fruições, alívios de tensões e atitude desinteressada não se apresentam com a nitidez com que são apresentados por esses autores. O depoimento acima contribui no sentido de compreender que nesta dimensão da vida social, a

⁴ Gíria muito utilizada pelos gaúchos como abreviação de “barbaridade tchê”.

seriedade, os investimentos, as restrições, para além do próprio fazer artístico, parecem também fazer parte.

Nessas concepções, em abordagens mais funcionalistas, o lazer sempre vai de encontro às obrigações cotidianas (PACHECO, 2012), porém a obrigação da ida ao ensaio e outras interdições parecem romper com essa divisão. Assim, não há dúvidas que os ensaios preparatórios para o ENART, bem como todos os compromissos decorrentes da prática, ocupavam um espaço diferente das obrigações sociais familiares/profissionais. Porém percebe-se que aqueles encontros não serviam apenas para cumprir uma função fisiológica e emocional. Havia ali o que Elias e Dunning (1992) entendiam como uma busca por “tensões agradáveis”.

Ao propor um conceito de lazer que se considera as oposições entre tempo livre e trabalho, Marcelino (2002) o formula a partir da atitude dos praticantes:

Cultura vivenciada no tempo disponível. O importante, como traço definido, é um caráter ‘desinteressado’ desta vivência. Não se busca pelo menos fundamentalmente outra recompensa além da satisfação provocada pela situação (MARCELLINO, 2002, p. 31).

Dentro do universo investigado, a partir dos dados obtidos, esse conceito também parece não dar conta dos sentidos produzidos pelos praticantes observados. É o que se pode observar na passagem seguinte do diário de campo, fruto de uma conversa com um dançarino muito experiente do grupo, o Deleon:

PESQUISADOR: Por que você escolheu dançar em CTG?

DELEON: Cara é como um vício. Tem toda uma cultura envolvida, mas também o ambiente é muito legal. Conviver com os colegas, ensaiar e poder chegar naqueles 20 minutos [de apresentação] mágicos lá em Santa Cruz é algo que não tem muito como explicar. Eu danço há muitos anos e não me vejo não participando de grupos de dança, mesmo que isso hoje me atrapalhe um pouco... perto de ENART a gente falta muito trabalho e aula. É tanto envolvimento que eu já até ando meio que dando aula para alguns grupos Mirins. Então estar dançando em CTG tá dando até tempo de tirar algum dinheiro (Diário de Campo, 20/03/2018).

Essa passagem do Diário de Campo, além de demonstrar que haviam interesses envolvidos no desempenho do participante, ilustra também uma espécie de negociação pessoal nas escolhas e na obtenção deste tempo livre. É o que Pacheco (2012), descreve como uma “mediação do tempo\espaço do lazer no cotidiano, transformando o tempo livre em tempo negociado”, nem sempre disponível ou fora das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Em outro trecho do Diário de Campo, podemos observar uma noção de seriedade, performance, comprometimento, produtividade e rendimento nas competições artísticas, ao conversar com um dos dançarinos mais experientes do grupo, pois tinha participado de mais de 10 ENART's pelo CTG ao qual estava vinculado:

Após 5 ensaios a semana finalmente finda, depois de quase 8 horas enfiados dentro do galpão...se para mim parecia o fim de uma jornada, podia ver no rosto deles o saber de que amanhã [segunda-feira] já tinha de novo. Questiono o Régis se ele não estava cansado depois de tanto ensaio, e ele me responde que sim, porém se não fazer isso, outro toma o seu lugar e o grupo como um todo não chega em lugar nenhum (Diário de Campo, 14/10/2017).

Essa produtividade, ligada ao rendimento competitivo encontrada nos ensaios, pode ser analisada traçando um paralelo com estudos e pesquisas que procuram compreender o esporte como a prática escolhida no ambiente de lazer. No trabalho de Stigger (1997), o autor percebeu como os resultados e a produtividade em campo eram características condicionantes à aceitação no grupo do futebol. Se para os veteranos investigados por ele, alguém para jogar no time do parque deveria “ter bola”, no grupo de danças, os dançarinos deveriam “ter cancha”:

Bah Diego, eu estava precisando que entrasse aqui era uns três peões mais experientes. Eu não digo assim mais velhos... assim de mais idade, mas pelo menos com um pouquinho mais de cancha... hoje essa gurizada tem umas barbas que a gente não tinha na nossa época né

meu. Acho que fisicamente eles são melhores que a gente, podem fazer umas coisas mais mirabolantes, mas a gente era mais artista, éramos menos técnicos mas sabíamos o que estava fazendo no palco (Luiz Silva, 07/10/2017).

O que pode se perceber em todas as falas e excertos dos diários de campo é que, para além do sentido artístico da prática, da cultura regional envolvida ou de certa “idealização artística”, o sentido de competição está muito presente, exercendo uma espécie de ordenamento nesse universo. Esses dados trazem em comum uma ausência de preocupação com a recepção/impacto do público (concurso que está presente no ENART em paralelo na premiação de grupo mais popular), algo próprio do fazer artístico, em detrimento de uma especialização, esforço e produtividade em prol dos resultados competitivos. Não à toa, a configuração e composição da equipe avaliadora a cada ano parecem produzir um “estilo” diferente de se dançar, como traz novamente o Luiz Silva

O cara tem que estar sempre se moldando ao que a comissão escreve na planilha; não adianta, mesmo que tenha uns “achismos”, umas notas “subjetivas”, o cara quer ganhar né. Então a gente tenta perceber o que tem de fazer para ganhar e tenta seguir a receita (Luiz Silva, 07/10/2017).

Essa intolerância ao que é definido no campo como *subjetivo*, na busca pela racionalização e uniformização dos parâmetros, parece ter sido produzida ao longo de vários anos de competições artísticas tradicionalistas. A partir destes sentidos e significados construídos e dinamizados pela competição, e partilhados pelas pessoas envolvidas na avaliação das danças tradicionais gaúchas, essa competitividade parece ter produzido não só uma forma de avaliar o espetáculo como também uma forma de viver esse universo a partir da posição de avaliador

A competição parece em ambos os casos um mecanismo fundamental operante no CTG e nos grupos de danças. Ao mesmo tempo em que atua como elemento chave

em um processo de ampliação, proliferação, dinamização e multiplicação do que é “tradicional” e “gauchesco”, entendemos que competitividade se constituiu no que Becker (2014) denominou de uma espécie de “combustível”. Ele parece ser utilizado para que esses indivíduos levem adiante suas práticas artísticas tradicionalistas. A vitória em uma competição é algo muito importante para os dançarinos, e a partir deste trabalho, parece que também a competição é um importante elemento propulsor do tradicionalismo gaúcho enquanto “movimento” institucionalizado.

As práticas no CTG, principalmente o “dançar na invernoada”, não são encaradas pelos dançarinos da pesquisa como meros instantes de lazer. Através deles, podemos observar uma noção de seriedade, desempenho, comprometimento, produtividade e rendimento que aproxima a prática à definição de “lazer sério” proposta por Stebbins. Segundo Neves e Dohl (2012) o conceito de "lazer sério" nasceu entre 1973 e 1976, quando Robert A. Stebbins coletava dados para uma pesquisa sobre esportistas amadores e profissionais, a exemplo de uma das categorias analíticas deste trabalho. "Isso não é como o que as pessoas fazem por lazer", contou um jogador amador de beisebol a ele, algo semelhante ao que está nesse excerto do Diário de Campo, que retrata uma conversa com o dançarino Rafael sobre os motivos que o levam a participar do grupo:

Cara eu pratico essa dança porque ela é algo sério... Vai muito além de um lazer. Tu sabe, tu já dançou... isso aqui é como um vício, uma vez que começa, é muito difícil parar. Eu danço há mais de 10 anos, deixo muita coisa em segundo plano para poder viver essa arte e essa cultura (Rafael, 30/03/2018).

A partir de uma série de respostas semelhantes a essa, Stebbins (2008) mudou a direção de sua pesquisa, tentando entender as práticas destes participantes que se recusavam a considerar suas práticas um lazer. Essa negação estava diretamente ligada

ao comprometimento. A determinação em alcançar altas performances, conforme demonstra a dançarina Julia, tratava-se de "algo sério":

Eu acho que ninguém viria pro CTG para ensaiar sábado e domingo se fosse para dançar na igreja. Todo mundo está aqui por causa da competição, para ganhar. O amor a dança às vezes pode ser que seja um amor à vitória, mais do que a dança, por que tem muita gente que para de dançar quando o grupo vai mal (Júlia, 20/11/2017).

Segundo Neves e Dohl (2012, p. 327) e Pacheco (2012, p. 92), Stebbins define o "lazer sério" como sendo: “[...] a prática sistemática de uma atividade por amadores, praticantes de hobby ou voluntários, considerada substancial, interessante e realizadora que em casos típicos, os lança numa carreira (de lazer) centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência”. Os sentidos produzidos no universo do grupo de danças investigado, onde a competitividade parece dinamizar a performance, a dedicação e a seriedade da prática, tendem ir ao encontro deste conceito.

No que tange ao cotidiano do grupo, no seu “fazer artístico” do dia a dia investigado, entendemos que um dos efeitos produzidos pela competitividade era que os ensaios, para além dos momentos de amizade, aproximavam-se das lógicas de treinamento esportivo e que se constituíam em elementos formadores de uma espécie de “ethos profissional”. Não à toa, na obra de Stebbins (2014) “Quando o trabalho é essencialmente Lazer”, o autor destaca o potencial das atividades esportivas, de entretenimento e artísticas para os entusiastas do “lazer sério”.

Em Neves e Dohl (2012), o ethos é entendido por Stebbins como o “espírito dos participantes” da comunidade do "lazer sério", manifestado por suas atitudes compartilhadas, práticas, valores, objetivos e assim por diante. Em torno destas “qualidades distintivas” apresentadas, se desenvolve a qualidade que é a "identificação".

Ao associar-se a outros participantes, ajudando no desenvolvimento do grupo, o dançarino se sente parte necessária do grupo, produzindo essa identificação a partir da noção de seriedade e no caso da dança gaúcha, da competitividade do ENART.

Em suma, parecia residir na competitividade encontrada no ENART o elemento constitutivo da seriedade, performance e dedicação que o grupo empregava ao seu fazer artístico. Ela conferia à prática os elementos encontrados no conceito de “lazer sério” explicitados ao longo do estudo.

Considerações Finais

Assim, todos estes sentidos, lógicas e significados produzidos no universo das danças tradicionais gaúchas, parecem ser recrutados e organizados a partir de uma espécie de "mola propulsora", a competição do ENART.

Pensar a prática de danças tradicionais gaúchas como atividades desinteressadas, fruídas e descomprometidas não davam conta da complexidade do contexto investigado. Eram necessárias novas reflexões e análises à luz de um conceito de lazer que reconhecesse a seriedade, a dedicação e o produtivismo compartilhado pelos participantes do grupo estudado.

Através deste debate posto, percebeu-se que a competitividade tinha um papel preponderante dentro deste universo, sendo que esta parecia exercer um caráter “ordenativo”, não só nos grupos de dança, mas também em todas as dimensões dos CTG's, tornando esta prática uma atividade de “lazer sério”. Para tanto, o estudo identificou que essa competitividade produzia/dinamizava uma maneira de “viver” as danças tradicionais gaúchas. Essa maneira de “viver” as danças tradicionais gaúchas constitui o que Stebbins chama de “ethos” da comunidade deste “lazer sério”.

As negociações para um tempo disponível, as fronteiras pouco definidas entre trabalho, obrigações cotidianas e lazer, bem como a seriedade e o rendimento como condicionantes à aceitação no grupo, parecem ser produzidas a partir das experiências e trajetórias compartilhadas pelos praticantes e instituições nos concursos artísticos, especialmente no ENART. Este festival parece pautar as vivências, as complexidades e os sentidos encontrados nos mais diversos espaços e ocasiões investigadas nesta etnografia.

Esta competitividade confere uma especificidade própria à prática, um “ethos” que produz uma espécie de “Dança Tradicional Gaúcha orientada para a competição”. Estas aproximações com um “lazer sério” e com as lógicas esportivas, tanto nos ensaios como na maneira de avaliar os concursos de danças tradicionais, por mais que não torne a prática em um esporte, parecem produzir uma dança que se orienta para a competição/esportivização – assunto que merece um texto específico. Dessa maneira, as relações/tensões entre arte e competição, entre a expressividade, a improvisação, o treinamento e a técnica - próprios do “fazer artístico” - devem ser entendidas a partir desta produção de uma dança tradicional orientada para competição.

Porém, essas complexidades não se esgotam neste estudo, uma vez que é importante compreender também os sentidos produzidos por outros integrantes da cadeia social envolvida neste festival e no Movimento Tradicionalista Gaúcho como um todo.

REFERÊNCIAS

BECKER, G. L. **Além da tradição: etnografando um CTG (Centro de Tradições Gaúchas) na Região de Curitiba, Paraná.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36863> . Acesso em: 13 maio 2018.

BRUM, Ceres Karam. Em busca de um novo horizonte: o Encontro de Artes e Tradição Gaúcha e a universalização do tradicionalismo. **Horizontes Antropológicos**, n. 40, p. 311-342, 2013.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão, 1992.

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 2002.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **Histórico**. 2018a. Disponível em: <http://www.mtg.org.br/historico/218> . Acesso em: 27 jan. 2018.

_____. **Regulamento Artístico**. 2018b. Disponível em: <http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/REGULAMENTO%20%20ENART%20-%20%202017%281%29.pdf> . Acesso em: 26 abr. 2018.

NEVES, S. de O., DOLL, J. Serious leisure. **Movimento**, Porto Alegre, v.18, n. 1, p.325-338, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://nnn.redalyc.org/articulo.oa?id=115323634016> . Acesso em: 20 jul. 2018.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo: diversidade cultural no Brasil-Nação**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PACHECO, Ariane Corrêa. **É lazer, tudo bem, mas é sério: o cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Rio Grande do Sul, Brasil, 2012.

SAVARIZ, Manuelito Carlos. **Análise da Caverna do Tradicionalismo**. 2018. Disponível em: <http://www.rogeriobastos.com.br/2018/06/analise-ideologica-da-caverna-do.html> . Acesso em: 30 jun. 2018.

STEBBINS, R. A. **Serious leisure: a perspective for our time**. New Jersey: Transaction, 2008.

_____. Quando o trabalho é essencialmente lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 1, p. 42-56, 2014.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 52-66, 1997.

VALLEJOS, Maitê. ENCONTRO DE ARTE E TRADIÇÃO (ENART): O CULTIVO DA TRADIÇÃO CULTURAL GAÚCHA POR MEIO DO FESTIVAL. **Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação**. São Paulo, v. 1, n. 1, 2013.

VELHO, Gilberto; CASTRO, EV de. O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. **Revista Artefato**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 25-33, 1978.

Endereço dos Autores:

Diego Nunes Moresco
Rua Lupicínio Rodrigues, 485 – Santo Inácio
Esteio – RS – 93.290-420
Endereço Eletrônico: diegomoresco@yahoo.com.br

Marco Paulo Stigger
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Campus Olímpico – Porto Alegre.
ESEFID – Centro Natatório, Sala da Rede CEDES
R. Felizardo,750 - Jardim Botânico
Porto Alegre – RS – 90.690-200
Endereço Eletrônico: stigger.mp@gmail.com